



Identities e representações do espaço na  
construção de territórios num assentamento do  
INCRA em Paraty

Margarita Rosa Gaviria  
CPDA Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

E-mail: [gavidom@futurusnet.com.br](mailto:gavidom@futurusnet.com.br)  
Recebido em: setembro 2004

## **Resumo**

*Neste trabalho, apresento algumas reflexões elaboradas sobre o processo social vivenciado pelos agentes sociais que integram num assentamento do Incra (Taquari) em Paraty (RJ). No assentamento do Taquari convivem, além dos beneficiários do Incra, diversos atores sociais com formas de inserção social diferente. Neste cenário, observam-se confrontos que resultam da disputa pela forma de utilização do espaço e pelo controle de instâncias decisórias da vida local. Eu procuro demonstrar de que forma as diferentes formas de utilização do espaço se sustentam em simbologias culturais em torno do ambiente natural e social.*

## **Palavras-chave**

*Reforma agrária, meio ambiente, utilização do espaço, simbologia.*

## **Abstract**

*This article reflects about the social process experienced by social agents in the Incra's (Brazilian Institute for the agrarian Reform) settlement of Taquari, located in the city of Paraty, Rio de Janeiro. Incra's beneficiaries, but also many social actors with diversified social insertions, live in that settlement. There, we observe disputes for occupancy of the space and control of local decision nodes. I intend to demonstrate how different ways of land use are sustained on cultural symbols regarding the natural and social environment.*

## **Keywords**

*Agrarian reform, environment, land use, symbols.*

*dfadf adfadfaf*  
Identidades e Representações do Espaço na Construção de  
Territórios num Assentamento do INCRA em Paraty<sup>1</sup>

Margarita Rosa Gaviria

Neste artigo, apresento algumas reflexões elaboradas sobre o processo social vivenciado pelos agentes sociais que interagem num assentamento do Incra (Taquari) em Paraty (RJ), criado em 1983 para beneficiar os posseiros da fazenda Taquari, mas que, por influência de fatores internos e externos ao mesmo, apresenta diversas peculiaridades<sup>2</sup> que o diferenciam dos demais assentamentos do Incra na região.<sup>2</sup> Taquari é reconhecido oficialmente como um assentamento do Incra desde 1983; esse projeto, no entanto, ficou parado por questões judiciais, e em consequência disso gerou-se uma situação particular. Outrossim, uma parte da área do assentamento delimitada pelo Incra no momento da criação estava dentro da área do Parque Nacional da Serra da Bocaina (PNSB).<sup>3</sup> Ambos os fatos levaram a uma intervenção governamental na área através do Incra e do IBDF,<sup>4</sup> e têm contribuído para o desencadeamento de um processo social peculiar em Taquari.

O vazio institucional deixado pelo Incra e os atrativos turísticos do PNSB (do município e da região) estimularam a migração, para a localidade, de atores sociais com formas de inserção diferente daquela dos beneficiários do Incra. Neste cenário, observam-se confrontos que resultam da disputa pela forma de utilização do espaço e pelo controle de instâncias decisórias da vida local. Dessa disputa participam, também, órgãos governamentais – entre os quais estão o Incra, o Ibama e a Prefeitura de Paraty.

Para abordar o processo social que resulta da convivência entre atores sociais com formas de inserção social e interesses diferentes, centro as observações nos agentes. Procuo demonstrar, a partir da análise de elementos identitários acionados pelas diferen-

tes categorias sociais para demarcar fronteiras, e bem assim das representações em que se fundamentam as diversas práticas no espaço, procuro demonstrar, dizia, a maneira pela qual as diversas posições e formas de utilização desse espaço se sustentam em simbologias culturais em torno do ambiente natural e social.

### Elementos identitários

Na análise dos elementos identitários selecionados como referencial das posições sociais em Taquari, reconheço o caráter reflexivo da identidade, já que é um meio dominado pela diversidade em termos de contatos, diferenças e disputas que colocam cada sujeito, diante dos outros, individualmente e sem “comunidade” de pertencimento fixo, exclusivo ou definitivo. Este panorama social conduz à criação de uma identidade (individual ou coletiva) múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca do que como um fato. O sujeito assume identidades diferentes em momentos diferentes, identidades que não são sempre referenciadas ao redor de um “eu” coerente. Portanto, evidencia-se em cada sujeito identidades contraditórias lançando-se em diversas direções, de modo que as suas identificações estão sendo deslocadas (Hall 2001). Dentre estas identidades, no universo social de Taquari, analiso aquelas construídas com base na origem espacial, no significado da família, na atividade agrícola e na religião.

De um modo geral, em Taquari se distinguem duas categorias de sujeitos, que correspondem à divisão social entre o grupo de residentes instalados na localidade há duas ou três gerações, os “nascidos e criados”, e os de “fora”. “Nascidos e criados,” como seu próprio nome indica, é a categoria usada para se identificar socialmente os que nasceram e se criaram na localidade de Taquari. Nesta categoria se inserem os gestores das lutas pela terra que deram lugar ao assentamento; ela abarca os antigos posseiros da fazenda, ou, em alguns casos, os seus descendentes. Presentemente, a identidade é construída em torno do vínculo natural com a terra que resulta do fato de serem nascidos e criados na localidade; alguns apontaram, inclusive, para uma ligação maternal com a terra, por “ter o umbigo enterrado na terra”, o que socialmente significa “ficar na terra para sempre”, livres de “maus costumes”. Este

costume simboliza a incorporação da pessoa a um espaço físico, social e cultural desde o seu nascimento. Deste modo, a relação com o espaço é mediada por uma simbologia cultural em torno do ambiente rural, por sentimentos e por uma história comum, fatores que são acionados para dar identidade ao grupo.

Por outro lado, “de fora” é uma categoria de identificação social que designa e auto-designa aquelas pessoas de origem social diferente daquela dos “nascidos e criados”. Entre os de fora há também uma divisão social determinada pela origem espacial e pelo tipo de inserção na rede de relações sociais. Distinguem-se os procedentes de outras zonas rurais, os neo-rurais,<sup>5</sup> os que têm residência secundária<sup>6</sup> e os turistas. Neste artigo, trato apenas dos “de fora” que estabeleceram sua moradia em Taquari, com os quais os “nascidos e criados” estão em interação permanente.

Vale notar que essa identidade construída a partir da origem espacial se expressa em relações de alteridade articulando outros elementos – entre os quais sobressaem a família, a agricultura e a religião – que se constituem em estruturantes da vida social. Os elementos identitários acionados para se posicionar em relação à família, à agricultura e à religião, diferem entre as categorias.

1. No que respeita à família, o nome da família e a ampla rede de parentesco são elementos reiterados pelos nascidos e criados para definir o seu pertencimento à localidade e, em consequência, para demarcar fronteiras com os de “fora”. O nome de família e a rede de relações de parentesco são evocados pelos nascidos e criados como fatos que definem a inclusão na categoria. Ambos (o nome e a rede de parentesco) constituem-se em recursos de diferenciação e de poder em Taquari por parte dos nascidos e criados. Um dos indicadores do poder social é a extensão da rede de parentesco na localidade. Quanto maior o número de membros inseridos na família, maior o poder social da família – poder social que se expressa no significado social do nome da família.

Neste sentido, a família como valor é uma referência identitária para os nascidos e criados, na medida em que a localidade foi constituída no passado pelos membros de sua família – e que continua a sê-lo no presente. Na reiterada afirmação por parte dos nascidos e criados de que “é tudo família”, subjaz a idéia de que, além do vínculo social, há um vínculo biológico com Taquari.

Já os de “fora” se identificam com um estilo de vida no qual a família é sustentáculo das relações sociais. A família, neste con-

texto, não representa necessariamente laços de sangue, não evoca laços de parentesco ampliado, e sim a família nuclear, que muitas vezes se constitui em unidade de trabalho. Para os de fora, num contexto de relações mais amplas, a família é um valor reiterado para qualificar relações sociais, como aquelas estabelecidas entre os membros de uma igreja, ou com vizinhos e amigos próximos. Concebe-se que as pessoas reunidas na igreja conformam uma família; um vizinho próximo é como um irmão, ou seja, os valores que definem a família regem as relações sociais estreitas.

2. Em relação à agricultura, um dos aspectos que os nascidos e criados sublinham é o passado agrícola, narrado através do tema das plantações de banana. A banana representa um elemento identitário; ela é marcante na identidade dos nascidos e criados, não só por ser uma atividade produtiva, mas também porque através dela se definem práticas sociais e valores construídos na localidade. Ou seja, “a banana”, pelo que ela representa, constitui-se num símbolo de identidade com a localidade, já que, além de ser um fator que vincula o passado agrícola ao presente da produção diversificada – a sua crise leva à implantação de outras atividades –, é um símbolo do natural, um elemento da paisagem, delimita os direitos das pessoas sobre a terra, no sentido em as posses de cada beneficiário do Inkra foram definidas de acordo com a área da plantação de banana. Os direitos que eles possuem sobre as terras que usufruem hoje, de diferentes formas, foram estabelecidos com base nas plantações de banana. O que media a área a que cada um tinha direito era a área de plantação de banana.

Por sua vez, os de fora salientam o significado da atividade agrícola em si, valorizam o que esta representa em termos de atividade econômica e de estilo de vida. A identidade com a agricultura se observa, principalmente, no papel que a atividade desempenha. A maior parte do tempo de trabalho é dedicado à agricultura; em alguns casos, desenvolvem outros serviços. Contudo, nem sempre há correspondência entre este significado da atividade agrícola e os “de fora”, em vista de que, em algumas circunstâncias, dentre os atores sociais que realçam o valor da agricultura como atividade econômica e como estilo de vida, alguns se inserem na categoria dos “nascidos e criados”. Trata-se de atores sociais que – independentemente da origem social – se identificam como “lavradores” e vivem como tais. Estes argumentam, cheios de orgulho, que são os

únicos da localidade que conseguem *viver da terra*, destacando, assim, a sua identidade social como agricultores.

Os lavradores orgulham-se de “viver da terra”, em que pesem as dificuldades. Apontaram para o estresse e a deterioração física causada pelo trabalho na agricultura. Consideram o sofrimento e as dificuldades próprias de quem vive da terra como inatos à vida do agricultor, e os evocam como referência identitária. Sob esta ótica, trata-se de uma identidade marcada por sentimentos negativos, mas que, não obstante, valorizam a vida do agricultor, já que através da lavoura eles obtêm os seus alimentos. O sofrimento e as dificuldades são compensados pelo fato de os agricultores poderem se alimentar do fruto que plantam.

3. Quanto à religião, num plano geral, na localidade de Taquari, as diferenças sociais podem ser observadas na divisão entre “crentes” e “não crentes”. Cada um constrói as suas identidades de acordo com a participação religiosa. Tal participação é evidente na adoção de certos comportamentos, fundamentados em crenças e símbolos que os distinguem. Assim, como disse Novaes (1997), essas crenças e símbolos interessam, pois são matérias-primas para a construção de identidades, que motivam e respaldam as disputas pelas diferentes formas de inserção na localidade. Essas diferenças correspondem a diversas vias exploradas pelas igrejas para se posicionar na localidade de Taquari.

Entre os católicos – ou “não crentes” – a identidade religiosa é construída numa relação de alteridade com os “crentes,” em torno de três questões: a “tradição”, o estilo de vida e a “liberdade”. A igreja católica representa a religião “tradicional” na localidade, antes da chegada dos crentes, há uns 15 anos; os nascidos e criados (a população em geral), em Taquari, eram todos católicos. Os que ainda não romperam com essa igreja destacam o seu vínculo religioso pela vontade de dar continuidade aos princípios com que foram criados. Entre estes aspectos está a devoção aos santos. Assinalam, também, a “liberdade” de agir que caracteriza esta igreja; eles identificam-se com esta religião pois são “mais livres para atuar”, podem fumar e beber sem restrições. Outras questões com que se identificam os não crentes são certas formas de diversão (fórrós, futebol e bares) e um modo de se vestir (não há restrições na forma de se vestir).

Estes elementos de identificação dos católicos conduzem à criação de espaços de diversão e ação exclusivos a eles; cria-se en-

tão um território social que exclui os crentes, pois estes últimos constroem a sua identidade em oposição aos católicos.

Em relação às igrejas dos crentes em Taquari, observo três elementos que sustentam a identidade religiosa: o poder de transformação, a organização social em comunidade e o estilo de vida. Primeiramente, um dos fatos que têm levado os nascidos e criados a se vincular à igreja dos crentes é o poder de transformação que é atribuído a esta igreja. A opção pela igreja dos crentes surge como uma saída às crises sociais e existenciais causadas por pessoas que têm um comportamento desviante. São mencionados principalmente os alcoólatras.

Os crentes identificam-se com uma vida em “comunidade religiosa” integrada por pessoas de fora e por alguns dos nascidos e criados que romperam com o estilo de vida “católico”. Esta comunidade está associada a um estilo de vida; nela, há uma “lei”,<sup>7</sup> e seguir a lei consiste em respeitar as proibições estabelecidas em relação a algumas práticas sociais no cotidiano – permissivas entre os católicos. Da mesma maneira, existe entre os crentes um controle sobre a participação nos cultos, sobre a frequência com que visitam a igreja e sobre a obediência às regras.

Em suma, a cisão originária entre nascidos e criados e os de fora, estabelecida pelo tipo de inserção social no espaço físico e social – que define uma identidade primária –, é desconsiderada quando se constroem territórios sociais em torno de outros elementos identitários. Nesses territórios, os valores culturais da família, da atividade agrícola e da religião são utilizados para demarcar fronteiras sociais; portanto, estes valores são o suporte das posições no espaço. Tais posições se expressam nas práticas e nas representações assumidas pelos atores sociais no espaço.

### **Representações do espaço**

Como tenho mostrado até agora, na localidade de Taquari interagem categorias sociais com realidades distintas, construídas nas práticas e representações dos atores sociais em torno do espaço, de uma maneira reflexiva.<sup>8</sup> Ou seja, as representações são manipuladas para justificar as ações, as ações modificam as representações, e nessa relação entre ações e representações do espaço e no espaço se constroem territórios.

Dirigindo a atenção para Taquari, observa-se uma



interdependência entre os espaços, já que são várias categorias sociais interagindo de maneiras diferentes num mesmo espaço. São representações diferenciadas, que significam, entre outras coisas, que a percepção social do ambiente não é feita somente de representações das limitações materiais ao funcionamento da economia, mas igualmente de juízos de valor e crenças.

As representações do espaço em Taquari aludem principalmente ao poder, à produtividade e ao meio ambiente. A análise revela um confronto entre representações e usos do espaço dos diversos atores sociais, na medida em que eles assumem posições diferentes em relação ao uso do espaço. Essas posições se sustentam em concepções específicas do rural, que em alguns contextos se confrontam. Assim, para o Incra, o espaço rural de Taquari representa um espaço de poder institucional; este Instituto define as regras e limites sobre os usos do espaço, apoiado no poder que detém. Mas o poder do Incra entra em confronto com o poder social dos beneficiários das terras do Incra, porque o poder destes últimos se fundamenta no vínculo social e cultural com a terra que habitam e usufruem.

Uma das formas que têm os moradores de usufruir a terra é produzindo. O espaço é produtivo para os atores sociais que compõem o universo de Taquari. Na destinação produtiva do espaço rural se encaixam lavradores, comerciantes, prestadores de serviços e o Incra. Na medida em que esses atores sociais defendem interesses diversos, verificam-se confrontos.

À exceção do Incra – que apenas prega (mas não desempenha) um determinado uso produtivo –, os outros atores sociais, embora de formas diferentes, realizam práticas produtivas no espaço. No caso dos “lavradores,” eles posicionam-se no espaço em defesa das práticas agrícolas. Apesar das dificuldades, os lavradores sentem orgulho de viver da terra. Em contraposição aos que defendem o uso da terra para a produção agrícola está a posição dos que se apropriam do espaço para desenvolver atividades comerciais (bares e pousadas, mercado). Empreendem atividades turísticas, prestam serviços na construção civil ou em outros serviços derivados da presença da população flutuante.

Por outra parte, há um setor da população fixa e temporária – os nascidos e criados e as pessoas de fora (turistas, residentes secundários, residentes permanentes) – que valoriza e se apropria do espaço para consumo. Desta última posição, as subjetividades e

representações do espaço, elaboradas pelos atores sociais, levam em consideração a proximidade com a natureza.

Sob esta ótica, a natureza, como afirma Mathieu (1990), “não é apenas suporte da atividade agrícola, mas uma natureza pluridimensional, onde os elementos, água, ar, terra (...) ganham novamente importância, tanto quanto a noção de ecossistema” (1990 40). Essa valorização é qualificada nas pesquisas sobre o meio rural como um “campo reinventado”, uma “neonatureza”.

Por fim, associado à questão da natureza, dentro da lógica de usos do espaço, outro elemento que intervém é o meio ambiente. O meio ambiente é entendido como bem coletivo, e corresponde ao cenário da natureza com o qual convivem os atores sociais num mesmo espaço. Por outro lado, os critérios de valor do “meio ambiente” não são unânimes entre os atores sociais. Dentre estes atores sociais, abordo aqui as posições do Ibama e da localidade, que, de uma perspectiva relacional, se opõem. Enquanto o Ibama impõe o projeto do Parque como área desabitada e a ser preservada, a população justifica as suas práticas na área de preservação ambiental apoiada na tradição.

Assim pois, interesses em torno do meio ambiente, de poder e de produtividade são fatores centrais na configuração dos usos do espaço – embora entre os atores sociais que se posicionam em defesa desses elementos possa haver confrontos, porque as concepções de poder, de produtividade e de meio ambiente diferem. Mas, como tenho apresentado sumariamente neste artigo, os valores culturais, sustentados em éticas religiosas, familiares, vinculados a um estilo de vida agrícola, juntamente com as concepções do espaço, aproximam a maneira como é vivenciado pelos atores sociais o embate entre interesses diferentes em torno do mesmo ambiente. Trata-se de uma análise que se sustenta na desconstrução de representações do ambiente restritas apenas às limitações materiais que afetam a economia.

## Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. 1989. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil.
- \_\_\_\_\_. “A propos de la famille comme catégorie réalisée”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 100, déc. 1993. pp: 32-36.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1999. *O Afeto da terra*. Campinas: Editora da

- Unicamp.
- CHAMBOREDON, Jean Claude. 1980. "Les Usages urbains de l'espace rural: du moyen de production au lieu de récréation". In: *Revue Française de Sociologie, jan-mar, n° XXI* p. 99-121.
- GIULIANI, Gian Mario. 1990. "Neo-ruralismo: o novo estilo dos velhos modelos". *RBCS/ANPOCS*, n. 14, ano 5.
- GODELIER, Maurice. 1984. *L'idéal et le matériel*. Paris: Librairie Arthème Fayard.
- GONÇALVES, Camila. *O turismo e a reconstrução social do espaço rural: o Caso do Arraial da Conceição do Ibitipoca (MG)*. Dissertação de mestrado, CPDA (UFRJ), 2001.
- HALL, Stuart. 2001. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6ª ed., Rio de Janeiro: DP&M editora.
- \_\_\_\_\_. 1993. "Old and new identities, old and new ethnicities". In: *Culture, Globalization and the world system*. Macmillan University, University of New York.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE/IBAMA/DIREC. *Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra da Bocaina: encarte nr. 5*. Brasília: FEC/UNICAMP, 2002.
- MOREIRA, Roberto e GAVIRIA, Margarita Rosa. 2002. "Territorialidades, ruralidades e assimetrias de poder na comunidade de Taquari". In: *Estudos Sociedade e Agricultura*. n. 18.
- NOVAES REYES, Regina. 1997. *Do Corpo e alma. Catolicismo, classes sociais e conflitos no campo*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. 2002. "A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades avançadas – o "rural" como espaço singular e ator coletivo". In: *Estudos Sociedade e Agricultura*, n° 15, 87-146.

## Notas

<sup>1</sup> Este artigo é baseado nos resultados da minha tese de doutorado no CPDA (UFRJ).

<sup>2</sup> Taquari é um dos três assentamentos do Incra no município de Paraty. Todos eles têm características e história comuns, e se localizam entre a estrada e a Serra, um contíguo ao outro. Se as origens dos assentamentos de reforma agrária englobam situações diferenciadas, no caso desses assentamentos, trata-se da regularização fundiária em terras ocupadas por posseiros há várias décadas. Nenhuma das áreas dos assentamentos está na faixa entre o mar e a estrada (na desapropriação, optou-se por deixar para os donos da fazenda aquela área). Assim, indo do Rio de Janeiro, pela BR101, em direção a Paraty, do lado direito, encontram-se: primeiro Taquari, depois São Roque e, em seguida, Barra Grande.

<sup>3</sup> Com o objetivo de sustar os desmatamentos e recuperar áreas de vegetação sacrificadas, fruto da especulação imobiliária e da atividade turística, foi criado em Paraty, em 1971, o Parque Nacional da Serra da Bocaina (PNSB). Este Parque abrange parte dos municípios paulistas de Cunha, Bananal, Ubatuba e São José de Barreiro - e dos municípios fluminenses de Angra dos Reis e Paraty. No município de Paraty localiza-se 41% da área do Parque.

<sup>4</sup> Assunto sobre o qual vou me deter no primeiro capítulo.

<sup>5</sup> Seguindo a definição de Giuliani, os neo-rurais são um setor da população urbana que faz investimento no campo.

<sup>6</sup> Uma das transformações na relação rural/urbana é que o meio rural passa ser

cena social secundária da população urbana. Ver Chamboredon (1987).

<sup>7</sup> Categoria usada para referir-se as regras sociais impostas pela religião dos crentes.

<sup>8</sup> Desta perspectiva e seguindo Godelier (1984) , as idéias não são instâncias separadas das relações sociais. O pensar é colocar em movimento a matéria: a idéia é uma realidade sensível.

<sup>9</sup> Esse conceito de neonatureza é usado por Wanderley, apoiado no trabalho de Marié e Virard (1988). A autora argumenta que os trabalhos de Chajanov e Mendras seguem a mesma linha.